

Geografias Fora do Eixo: desconstruções e perspectivas decoloniais

Off-Axis Geographies: deconstructions and decolonial perspectives

Vinicius Henrique Fonseca Vivas ¹ 

Janaina Francisca de Souza Campos Vinha ² 

Resumo

Nas últimas décadas, surgiram inúmeros grupos de intelectuais que criticavam a produção do conhecimento e do saber eurocentrado. Com distintas perspectivas e abordagens, a herança colonialista foi denunciada. A criação da comunidade científica, denominada *Geografias Fora do Eixo*, constitui parte desse movimento contra-hegemônico de pesquisadores e pesquisadoras que buscam a construção de outras Geografias. O presente trabalho faz uma reflexão preliminar sobre as contribuições da referida comunidade, evidenciando suas perspectivas, princípios, grupos de pesquisa, principais conceitos e temáticas de estudo compartilhadas. A partir do emprego do materialismo histórico e dialético, os procedimentos metodológicos ancoraram-se na pesquisa bibliográfica, na sistematização da produção científica dos colóquios do grupo e dos textos científicos e no levantamento e análise das informações contidas nos trabalhos científicos. Foram identificados 11 grupos de estudos de diversas regiões brasileiras, cuja práxis, militância e decolonialidade são os princípios das pesquisas *fora do eixo*, articulando o pesquisador militante, a práxis territorial e contra-hegemônica. Foi dado destaque às análises territoriais, sobretudo relacionadas a Geografia Agrária, cujos temas mais estudados foram as abordagens teórico-metodológicas, as comunidades tradicionais e a luta pela terra, movimentos sociais e reforma agrária.

Palavras-chave: Geografias; decolonialidade; práxis territorial; produção científica.

Abstract

In recent decades, numerous groups of intellectuals have emerged to criticize the production of Eurocentric knowledge and scholarship. With distinct perspectives and approaches, the colonialist legacy has been denounced. The creation of the scientific community, called Geographies Outside the Axis, is part of this counter-hegemonic movement of researchers seeking to construct other Geografias. This paper offers a preliminary reflection on the contributions of this community, highlighting its

¹ Mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe - Universidade Estadual Paulista (UNESP). Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: vinicius.vivas@unesp.br

² Docente permanente credenciada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe - Universidade Estadual Paulista (UNESP/IPPRI); Docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) - Departamento de Geografia (DEGEO). Uberaba, MG, Brasil. E-mail: janaina.vinha@uftm.edu.br

perspectives, principles, research groups, main concepts, and shared study themes. Employing historical and dialectical materialism, the methodological procedures were anchored in bibliographical research, the systematization of scientific production from the group's colloquia and scientific texts, and the collection and analysis of information contained in the scientific papers. Eleven study groups from various Brazilian regions were identified, whose praxis, activism, and decoloniality are the principles of off-axis research, articulating the militant researcher, territorial, and counter-hegemonic praxis. Territorial analyses were highlighted, particularly those related to Agrarian Geography, whose most studied themes were theoretical and methodological approaches, traditional communities and the struggle for land, social movements, and agrarian reform.

Keywords: Geographies; decoloniality; territorial praxis; scientific production.

Introdução

A Geografia, assim como outros campos do conhecimento, foi forjada por um movimento ininterrupto de mudanças na busca por leituras sobre a análise espacial. O advento de paradigmas no pensar geográfico expressa essa realidade, com a ascensão e declínio de visões de mundo que foram, ao longo do tempo, compartilhadas pela comunidade científica. De forma contraditória, essas transformações, frequentemente, mantiveram o foco em abordagens positivistas, renovando-as; em outras ocasiões, mudanças radicais foram capazes de alterar, significativamente, a ordem teórica-metodológica vigente, adentrando pesquisas dialéticas e inspiradas no marxismo ou mesmo na fenomenologia.

Em todos os momentos, a Geografia foi atravessada por interesses políticos, considerada um saber eminentemente ideológico³, que viveu constantes crises e disputas (Lacoste, 1977). Entretanto, muito pouco dessa Geografia avançou no rompimento de uma perspectiva ocidental, a qual ditou, por séculos, quais saberes e conhecimentos deveriam ser aceitos e difundidos. Esse controle do pensar e do *fazer* científico (re)produziu perspectivas colonizadoras, cuja superioridade étnico-racial e epistêmica europeia (Quijano, 2005) continuaram presentes no seio da comunidade geográfica.

A reivindicação de *outras geografias*, isto é, de saberes e conhecimentos pautados em paradigmas distintos, esteve presente em todo o pensamento geográfico brasileiro. Pyotr Alexeyevich Kropotkin e Manuel Correia de Andrade, por exemplo, são referências

³ Conceito inspirado na teoria de Gramsci (1978).

que exaltam essa condição, intelectuais dos séculos XIX e XX que divergiam do pensar e *fazer* geográfico de suas épocas.

O movimento denominado *Geografias Fora do Eixo* traduz parte desse processo que continua ocorrendo no interior da Geografia em pleno século XXI, constituído por um grupo de pesquisadores que procura, desde 2019, debater concepções geográficas (re)produzidas fora do “eixo Rio-SP”, revelando seus limites e diferenças teóricas e metodológicas, e que circundam a práxis. Portanto, é a partir das contribuições desse grupo que o presente trabalho foi proposto, o qual busca elaborar reflexões iniciais que destacam a visão de mundo compartilhada, com destaque aos grupos de pesquisa envolvidos, as perspectivas dos eventos organizados, os princípios elementares, o principal conceito empregado e as principais temáticas de estudo.

Para isso, foram adotadas técnicas de pesquisa bibliográfica, passando pelos procedimentos de sistematização da produção científica; levantamento das informações contidas nos trabalhos científicos; e por fim, síntese crítica, de abordagem materialista histórica e dialética (Lima; Mioto, 2007).

Para Sousa, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica proporciona conhecer, analisar, explicar e discutir as contribuições sobre determinado assunto, tema ou entrave. Para Gil (1994), além de possibilitar um olhar amplo para as informações contidas nos documentos, essa técnica auxilia na construção e definição do quadro teórico-conceitual. A produção científica analisada refere-se às publicações do *Grupo Geografias Fora do Eixo*, divulgadas por intermédio de dois colóquios. O Iº Colóquio “Geografias Fora do Eixo: por outras geografias feitas com práxis territoriais”, homônima ao livro publicado em 2022, realizou-se em 2021, sendo composto por 16 textos que estão de livre acesso pela Editora Liberdade, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Já o IIº Colóquio “Geografias Fora do Eixo e Decolonialidade”, ocorreu em 2023, e integra 10 textos publicados na Revista de Geografia da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), em um dossiê especial de mesmo nome e ano do evento.

Assim, a pesquisa bibliográfica adotada possui caráter temático dado o recorte de análise das produções científicas particulares à um grupo entre os anos de 2019 à 2024. Como critério de seleção, utilizou-se os meios de publicação dos textos debatidos nos

colóquios, abstendo-se da adoção de uma amostragem, efetivando a leitura de todos os 26 textos apresentados nos colóquios⁴.

A sistematização das publicações científicas deu-se por meio de um banco de dados no *Google Drive*, onde foram catalogadas utilizando o *Google Planilhas*, registrando as seguintes informações: título do texto, nome do(s) autor(es), grau de formação acadêmica, grupo de pesquisa, universidade/instituição, unidade federativa (UF), região, município, nome do evento, número da edição, ano de ocorrência, formato da publicação, conceito central, temáticas principais⁵ e perspectiva do trabalho.

Quanto à coleta dos dados da universidade/instituição e grupo de pesquisa, UF, região e município, vinculou-se ao(a) primeiro(a) autor(a) na identificação. Além das informações já contidas nos artigos, avançamos no preenchimento dos dados através das informações disponíveis na Plataforma Lattes, no Currículo Lattes e no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGPB) em 2025. Referente a formação acadêmica e nome do(s) autor(es), foi possível identificar todas as autorias e co-autores.

Relativa a abordagem crítica, baseada no materialismo-histórico e dialético como lente de investigação para a pesquisa bibliográfica, considera-se as contradições, as crises e as disputas da comunidade geográfica, da qual o grupo *Geografias Fora do Eixo* está inserida. Como será debatido, o grupo defende uma abordagem contra-hegemônica do conhecimento que tenta superar a ordem estabelecida e promover *outras geografias*, pautadas na autonomia, práxis e emancipação.

A partir disso, na abordagem *fora do eixo*, admite-se a necessidade de reconhecer e superar a colonialidade da intelectualidade, do ser, do saber e da natureza, apresentadas em Lander (2005), Quijano (2005), Porto-Gonçalves (2005), Silva (2020), Gomes (2011) e Saquet (2022), de forma a entender como o pensamento geográfico do “eixo Rio-São Paulo” são expressões da colonialidade e do imperialismo nas universidades. Posteriormente, partindo da análise dos trabalhos de pesquisadores e pesquisadoras do grupo, evidenciou-se os princípios da práxis, da militância e da decolonialidade, ancorados em Fernandes (2001), Campos (2012), Vinha e Fernandes (2023), Saquet

⁴ As temáticas foram analisadas a partir de Vinha e Fernandes (2023), estabelecendo para cada trabalho mais de um tema, conforme debatido nas páginas posteriores.

⁵ Os textos do IIIº Colóquio ainda não foram divulgados e, portanto, não compõem esta análise. Seguindo o intervalo típico dos dois últimos eventos, o IIIº Colóquio Geografias Fora do Eixo “Decolonialidade e soberanias na América Latina” aconteceu em 2024.

(2022; 2023), Gramsci, (1978) e Fals Borda (2006 [1980]). Também foram discutidos os principais conceitos, grupos de pesquisa e temáticas do grupo.

Além desta introdução e das considerações finais, o texto está organizado em duas seções centrais: a primeira aponta para questões sobre a colonialidade e o imperialismo do conhecimento geográfico, momento que as *Geografias do Eixo* postularam suas bases e premissas; a segunda aborda, de forma embrionária, a construção de *outras Geografias*: as *Geografias Fora do Eixo*, apresentando reflexões sobre a produção científica do grupo.

Geografias do Eixo: colonialidade e imperialismo dos saberes e dos conhecimentos geográficos

Antes de refletir sobre as *Geografias Fora do Eixo*, e diante da visão materialista e dialética adotada no presente texto, é preciso elucidar o que denominamos, contraditoriamente, de *Geografias do Eixo*. Para tal, também se faz necessário recorrer à sua gênese, retomando seus aspectos históricos e formativos. Assim, essa seção debate a colonialidade e o imperialismo dos conhecimentos geográficos constituídos no mundo ocidental e que edificaram a Geografia para, posteriormente, discutir as contribuições e o surgimento do grupo *Geografias Fora do Eixo*.

A modernidade, em sua essência, representa uma tentativa frustrada de rompimento com o mundo tradicional, que na Idade Média esteve ancorado nos princípios religiosos e dogmáticos da Igreja Católica. A explicação teológica dos fenômenos sociais e naturais, insatisfatórios naquele momento, levou a diversos pensadores a formularem propostas que marcaram uma nova fase: o Renascimento. Baseado nos conhecimentos empíricos, no antropocentrismo e no pensamento laico e racional, o mundo ocidental deslegitimou a centralidade, até então, ocupada pela visão religiosa (Silva, 2020).

Enquanto elemento fulcral à retroalimentação e dinamização do capitalismo em suas fases iniciais, o projeto edificado na modernidade fundamentou-se nos conhecimentos científico e tecnológico no intuito de impulsionar seus processos de aceleração da produção. Consequentemente, promoveu a acumulação de capital e a expansão territorial das fontes de recursos e mercados de consumo (Singer, 1987). É nesse contexto, na primeira metade do século XIX, que a Geografia ocidental se institucionalizou. A sistematização foi sediada na Alemanha, a qual passava pelo processo de unificação do seu território nacional. Surgiram os primeiros institutos e

cátedras que fundaram as correntes do pensamento geográfico científico ocidental, que mesmo em sua fase inicial, já legitimavam as ideias nacionalistas e coloniais de dominação e controle territorial (Silva, 2020; Gomes, 2011).

A relação entre a sistematização científica da Geografia e os processos de expansão do capitalismo na Alemanha não conforma mero acaso. Orientados pelo positivismo, constrói-se uma ciência preocupada em atender os interesses capitalistas e seu projeto de expansão comercial. Desta forma, a Geografia nasce durante o triunfo da burguesia, usada para fins políticos expansionistas de viés imperialista. Embora tivesse integrado o capitalismo tardiamente, a Alemanha disporia de uma nova ciência, estratégica, para compensar o seu “atraso” (Gomes, 2011).

No bojo das preocupações racionalistas, o estudo da relação homem/natureza procurava desvendar a lógica da ordem natural e suas relações com a organização social. Objetivando entender a ocorrência dos fenômenos na superfície terrestre, as primeiras abordagens foram elaboradas por Alexander von Humboldt e Carl Ritter. Ambos, à serviço da nobreza, por vezes nomeados como “pais” da Geografia, se adequaram às exigências científicas da comunidade ocidental, revelando a *una* forma de conceber o conhecimento (Gomes, 2011).

Neste período, a Geografia ocidental preocupou-se em buscar uma verdade científica, mas sem definir seu objeto de estudo, procurando, através dos métodos das ciências da natureza, a explicação dos fenômenos da superfície terrestre. Paul Vidal de La Blache, representando a Geografia ocidental francesa, baseou-se, também, no pensamento positivista, disputando os discursos geográficos no mundo europeu.

Além de configurar um combate pela narrativa científica, à serviço da França, a Geografia desenvolvida na Alemanha também foi construída a partir de interesses burgueses e do Estado. Depois da perda de territórios (Alsácia e Lorena) para a Prússia, o governo francês incentivou o ensino básico de geografia nas escolas, buscando fortalecer o nacionalismo (Gomes, 2011).

As *Geografias do Eixo* não nascem da missão francesa na formação do curso de Geografia na Universidade de São Paulo (USP), em 1934, tampouco na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1940 (Ferreira, 2005). Elas estão circunscritas a um contexto socioespacial e histórico mais amplo, de colonização, imperialismo, escravização,

exploração, expropriação, desumanização e sub jugo dos povos da América Latina e Caribe, Ásia e África, que reforçou a colonização da intelectualidade através da USP.

Assim, como *Geografias do Eixo*, referimo-nos às propostas teórico-conceituais, metodológicas e técnicas que tornaram os outros conhecimentos, incluindo universidades menores e saberes populares, como inferiores, forjando uma dependência aos centros tradicionais. Consequentemente, há o retardamento e a inferiorização de abordagens que não se dão, necessariamente, na USP e UFRJ.

Quando afirmamos que o *Eixo* não nasce na missão francesa, concordamos com a naturalização do imaginário social e a produção dos sentidos, fruto do processo de formação socioespacial desigual do sul-global, como uma única forma de relacionamento com a natureza, a sociedade e a subjetividade, torna-se um resíduo engendrado da colonização europeia na sociedade, isto é, no cotidiano, na economia, na religião, na alimentação, na cultura, em suma (Quijano, 2005; Cruz, 2017).

Quando afirmamos que o *Eixo* não nasce na missão francesa, assumimos que a cultura ocidental radicada, mesmo após a independência das colônias, continuou controlando e colonizando por meio dos saberes e conhecimentos (Quijano, 2005).

No processo histórico mundial, somam-se outros centros imperialistas no constructo intelectual do pensamento geográfico. Como reflexo das Guerras Mundiais, os avanços científicos e as necessidades do novo capitalismo, o monopolista, o método regional proposto por La Blache entra em crise. Todavia, suas contribuições não foram descartadas completamente. O discurso era de que os tempos modernos exigiam um retorno ao racionalismo, através do positivismo crítico ou neopositivista, e a Filosofia e as outras ciências deveriam associar-se às lógicas matemáticas e estatísticas para escapar do subjetivismo (Gomes, 2011).

No cenário pós Segunda Guerra Mundial, a Europa encontrava-se em reconstrução. Por outro lado, os Estados Unidos consolidou sua hegemonia como potência capitalista. A dinâmica mundial alterou-se rapidamente com a expansão e consolidação do capitalismo, (re)organizando as discussões e sub-campos de estudos na Geografia (Moraes, 2005). Nesse período, a corrente Teórica prometeu *status* e prestígio científico, através da formulação de leis, hipóteses, dados e emprego de técnicas aplicadas, novamente, ao planejamento e ações do Estado e interesses da burguesia. Embora essa tendência apresentasse raízes européias, seu desenvolvimento dá-se,

sobretudo, nos EUA, chegando fortemente ao Brasil com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Associação de Geografia Teórica e Quantitativa (AGETEO), ganhando ímpeto no território nacional (Barbosa; Azevedo, 2011).

Iniciada pela Geografia Clássica e fortalecida pela vertente quantitativa, a neutralidade científica vai ser revogada pela vertente crítica e humanista. O movimento de renovação crítica da Geografia no mundo ocorreu em 1960, no Brasil em 1970/1980, trazendo como expoentes Yves Lacoste, Milton Santos, Ruy Moreira e Ariovaldo Umbelino de Oliveira, por exemplo (Gomes, 2011).

Essa corrente caracterizou-se pela utilização do materialismo histórico e dialético como corpo teórico e metodológico na investigação da realidade. A Geografia ultrapassou o determinismo e o possibilismo na proposição dialética da relação entre sociedade/natureza. As contribuições de Milton Santos, em especial, foram fundamentais para que a relação sociedade/natureza fosse repensada, compreendendo o espaço como categoria analítica central para análise geográfica (Santos, 1978; 1985).

Ainda, é importante destacar que o movimento de renovação da Geografia também contou com a abordagem Humanística que, por sua vez, fortaleceu-se nas décadas de 1960 e 1970, construindo suas bases na Fenomenologia de Husserl, ligada ao fenômeno vivido para serem apreendidos religião, lugar, topofilia, comportamento e outros (Amorim Filho, 1999). A análise espacial foi reorientada para a compreensão das experiências construídas pelos sujeitos, distanciando-se de uma leitura metodológica com base no objeto (Spósito, 2004). Baseada no método hermenêutico, a fenomenologia deu atenção ao significado e sentido dos fenômenos. Assim, ao dar fundamento ao sujeito, buscou captar a subjetividade e a essência.

A década de 1990 inaugurou uma nova discussão no âmago das ciências sociais e da Geografia, momento em que se questionava que as teorias já não conseguiam abranger a realidade e o mal-estar pós-moderno. A proposta era reintroduzir a hermenêutica na substituição do marxismo e estruturalismo precedentes. As discussões em torno da derrocada do marxismo, nas décadas 1980 e 1990, apontam para uma renovação da abordagem crítica pelas correntes pós-marxistas.

Concordamos com Saquet (2022), já que a pós-modernidade só é possível a partir da modernidade europeia e outros “nós” hegemônicos, reproduzindo-se como fato e processo colonizador, opressor, subordinador e espoliador, fundado na razão teórica,

técnica, universal e globalizante. A pós-modernidade é hegemônica, excludente e seletiva, que remete, necessariamente, à condição de povo subordinado, dependente e colonizado. Ela dá continuidade a um projeto de modernidade que, sob outra roupagem, perpetua a expansão do sistema capitalista, camuflando suas mazelas e problemáticas.

Desta forma, entendendo que o fim do colonialismo não significou o término da colonialidade, cuja modernidade e pós-modernidade estão presentes, o mundo acadêmico herda o pensamento euro-norte-cêntrico. Em sua reprodução, legitima o colonialismo intelectual (Lander, 2005) que continua a perpetuar uma visão que enxerga o pensamento das periferias como formas inacabadas e incompletas.

Quando abordamos o “eixo Rio-São Paulo”, também entendemos que USP e UFRJ tornaram-se referências obrigatórias aos diversos estudos desenvolvidos no Brasil. Isso acontece devido ao acúmulo de estudos e sufocamento de outras teorias e abordagens. Vê-se como reflexo a citação desenfreada de autores do *eixo* sem a apropriação (utilização real) e aprofundamento teórico, resultando na mera repetição teórico-metodológica.

Assim, eventos, periódicos, cursos de graduação e pós-graduação, associações e instituições passam a ser espaços dominados por um saber que mantêm a colonialidade. Em entrevista a Porto-Gonçalves, Mejia Ayala (2020) relata que o padrão de poder constituindo no século XV ainda governa na atualidade, reforçando uma relação dicotômica e assimétrica entre centro-periferia. Herança histórica do pensamento geográfico que resulta no distanciamento do sujeito com o objeto, o “discurso pós-estruturalista separa a teoria da prática, os pensadores dos trabalhadores, a própria ciência moderna-acadêmica e reflexiva do saber e prática” (Saquet, 2022, p.39).

Na contracorrente colonialista, inúmeros movimentos sociais na história do sul-global vão engendar agendas políticas com pensamento fundamentado na prática cotidiana e decolonial. A partir do século XX, verificam-se conjuntos de intelectuais que criticam, de forma radical, a herança eurocêntrica (Cruz, 2017). Essas formas de pensar apresentam variações, como é o caso do pensamento de(s)colonial, estudos subalternos, teoria anticolonial, a teoria pós-colonial e epistemologias do Sul.

Este exercício, sobretudo, não busca classificar o que é do *eixo*, mas refletir como as Geografias amalgamadas aos processos colonialistas, mesmo pela ingenuidade dos padrões acadêmicos e/ou intencionalidade colonial e imperialista, institui bases para a sua

reprodução. Contradicoriatamente, um movimento contra-hegemônico foi historicamente forjado pela Geografia, com a participação de pesquisadores e pesquisadoras que, mesmo nos centros ou nas periferias, tentam abrir canais para “orbitar” *Fora do Eixo*.

Geografias fora do eixo: militância, práxis e decolonialidade

Nesta seção apresentamos as reflexões iniciais sobre o grupo *Geografias Fora do Eixo*. Elas são realizadas por intermédio do levantamento e da análise das produções científicas, com foco nas perspectivas de cada edição dos colóquios, nos grupos de pesquisa no principal conceito empregado, nos princípios que englobam os pesquisadores e nas principais temáticas abordadas.

O grupo denominado *Geografias Fora do Eixo* surgiu em 2019 como um espaço de diálogo, reflexão, enfrentamento e superação de abordagens, concepções teórico-metodológicas e políticas (re)produzidas no Brasil. Ousadamente, em meio a pandemia da Covid-19, organizaram uma agenda de encontros virtuais que culminou no Iº Colóquio “Geografias fora do eixo: por outras geografias feitas com práxis territoriais”, realizadas nos anos de 2020 e 2021, com a publicação do livro de mesmo nome em 2022 (Saquet, 2022). Nesta edição, foram 16 trabalhos publicados.

O IIº Colóquio “Geografias fora do eixo e decolonialidade” ocorreu de forma híbrida na UEMA em 2023, resultando em 10 textos publicados na revista de Geografia do Programa de Pós-graduação da UFPE. Destaca-se que, em 2024, durante o III Colóquio Geografias Fora do Eixo “Decolonialidade e soberanias na América Latina”, foi palco de decisão entre os pesquisadores a transformação do grupo em uma rede de pesquisa. Assim, a partir de 2024, criou-se a Rede *Geografias Fora do Eixo*, atribuindo maior abrangência e institucionalidade ao movimento.

Trata-se, portanto, de uma rede horizontal e contra-hegemônica que, além de debater as propostas teórico-metodológicas do *eixo*, reforça trabalhos autônomos de construção teórica, metodológica, técnica, político-ideológica e científica, integrada aos saberes populares, planejada e vinculada à práxis cotidiana (Saquet, 2023).

De maneira análoga às *Geografias do Eixo*, concebemos o grupo *Fora do Eixo* como uma comunidade científica que disputa poderes explicativos na formulação de leituras espaciais (Campos, 2012). Uma comunidade científica é responsável por aderir,

compartilhar, selecionar, orientar e difundir paradigmas e estilos de pensamento. Concebe-se a ciência inerente à práticas socialmente compartilhadas, desenvolvidas em meio a um contexto de disputas, crises e rupturas (Kuhn, 1997).

Assim, o grupo visa discutir “abordagens e concepções de Geografias (re)produzidas fora do “eixo Rio-SP”, confrontando-as com estas últimas, identificando e explicitando identidades, limites, aplicações e diferenças (teorias, metodologias e práxis)” (Gonçalves; Saquet, 2023, p.1-2). Além disso, procura-se, também, identificar construções conceituais marginalizadas pela comunidade geográfica, bem como analisar as *práxis* territoriais advindas de ações coletivas e de caráter militante, como será evidenciado.

Dos 26 artigos, o número preponderante de trabalhos advém da região Sul (10), seguido pelo Centro-oeste (5), Nordeste (4), Sudeste (4), Norte (2) e (1) da Colômbia. A região Sul desponta devido a articulação inicial do grupo contar com o professor Marcos Aurelio Saquet, vinculado a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). O grupo integra 14 universidades, sendo elas: UNIOESTE; UEMA; Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Estadual Paulista (UNESP); Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); Universidade de Brasília (UnB); Universidade do Estado do Amazonas (UEA); Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO); Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ); Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Estadual de Goiás (UEG) e Universidad Distrital Francisco José de Caldas (UD) na Colômbia. Nestas instituições, foram identificados 11 grupos de estudos, conforme esboçado na Figura 1.

Campos (2012) já apontava a representatividade dos trabalhos advindos de pesquisadores vinculados a grupos de pesquisa em Geografia das universidades do estado de São Paulo que se dedicam aos estudos agrários. A incorporação desses grupos evidencia a diversidade regional, mas também potencializa a constituição de redes colaborativas e solidárias mais horizontais, produzidas por sujeitos da graduação e da pós-graduação, que contribuem com o processo de construção dos saberes.

Os grupos de pesquisa são territórios de socialização do conhecimento, formados por diversos pesquisadores (as) – professores (as), doutores (as), doutorandos (as), mestres (as), mestrandos (as), graduandos (as) e técnicos (as) – que promovem a

discussão, sinalizam tendências, elegem temas de estudo e sustentam paradigmas no processo de construção do conhecimento geográfico (Campos, 2012).

Figura 1 - Geografias Fora do Eixo - Grupos de estudos participantes até 2022⁶

Grupo de Estudos Territoriais (GETER)	Grupo de Estudos de Dinâmicas Territoriais (GEDIT)	Laboratório Interdisciplinar e Intercultural de Inovações sociais (LIIS)	Red Latinoamericana Territorios Posibles
Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA)	Geografias Fora do Eixo	Núcleo de Estudos e Produção Orgânica do Pantanal (NEAP)	Grupo de Estudos e Pesquisas Geográficos e Interdisciplinares (MEIO-NORTE)
Núcleo de Estudos e Pesquisas Territoriais e Agrários (NaTERRA)	Núcleo de Estudos e Pesquisas Agrárias sobre Espaço, Desenvolvimento e Conflitualidade (NEADEC)	Núcleo de Estudos Territoriais da Amazônia (NETAM)	Grupo de Pesquisa Geotecnologias Aplicadas à Gestão do Território (GEOGET)

Fonte: Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil (DGPB), 2025.

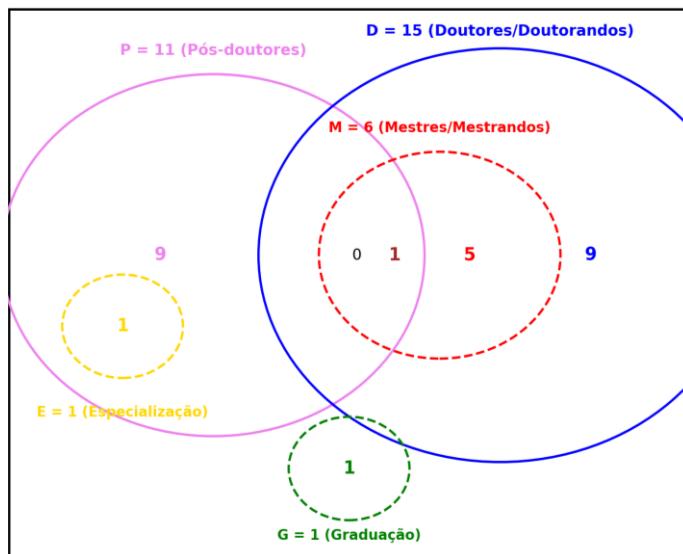
Org.: Vivas; Vinha (2025)

Os trabalhos, em formato de artigos, correspondem a 26 textos, sendo 11 redigidos em autoria ou coautoria de pós-doutores, e 15 escritos com autoria ou coautoria de doutores/doutorandos - 6 contam com a participação de mestres/mestrando como autor ou coautor e apenas 1 trabalho com autoria de graduando e 1 com co-autoria de especialistas (Figura 2).

A análise da titulação dos autores permite identificar que as discussões no interior da rede são divulgadas, sobretudo, por homens, doutores e pós-doutores. Desta forma, é necessário apontar que a construção de uma Geografia eminentemente *Fora do Eixo*, urge da participação efetiva das mulheres. Fato é que a história do pensamento geográfico procurou batizar o “pai” da Geografia Moderna, com Alexander von Humboldt, mas nunca se preocupou em reconhecer a “mãe”. Evidente que o mundo ocidental, fundado numa sociedade patriarcal e capitalista, não se atentou em revelar as contribuições das geógrafas, sendo esta uma questão que deve iluminar a construção de *outras geografias*. Entretanto, ainda é baixo o número de trabalhos apresentados com autoria e/ou co-autoria do gênero feminino nos colóquios, contabilizando apenas 9 dos 26 trabalhos.

⁶ A Rede Internacional de Pesquisa das Lutas por Espaços e Territórios (Rede DATALUTA), representada pelo NERA, participa a partir das reflexões da Teoria dos Movimentos Socioespaciais e Socioterritoriais, a Política Contenciosa e os Conflitos, bem como o Debate Paradigmático da Geografia Agrária, evidenciados pelos professores José Sobreiro Filho, Bernardo Mançano Fernandes, Janaina Francisca de Souza Campos Vinha e Bruna Gonçalves Costa.

Figura 2 - Diagrama de Venn com a distribuição da formação de autoria e co-autoria das produções do grupo Geografias Fora do Eixo



Fonte: Vivas; Vinha, 2025.

Os textos são ricos nas suas proposições teóricas, metodológicas e técnicas que, parcialmente, justificam-se pela formação dos seus membros (doutorado e pós-doutorado), majoritariamente professores das universidades elencadas. Todavia, ainda que se identifique a presença de grupos de pesquisa, caracterizados como espaços de socialização do conhecimento, percebe-se a ausência de graduandos, especialistas e mestrandos na produção e divulgação das ideias da rede. Esse fato evidencia uma fragilidade, já que o grupo se coloca num movimento contra-hegemônico que deve valorizar um espectro horizontal no processo de construção de conhecimentos e saberes.

No mais, os artigos revelaram que as contribuições *fora do eixo* partem de uma intencionalidade comum: o rompimento com a dependência do “eixo Rio-São Paulo”, espaços hegemônicos de produção da ciência geográfica brasileira. Essa dependência pode ser caracterizada pela obrigatoriedade de referências teóricas ou mesmo pela impossibilidade de debater um tema novo de pesquisa ou uma metodologia. Partindo da perspectiva dialética, a superação não significa a negação, mas o avanço contraditório que não se restringe à ele. Parte-se da emancipação do pensar, criando novos espaços e territórios que movimentam e atualizam o pensamento geográfico brasileiro.

A proposição do grupo para a comunidade científica está pautada em pesquisas militantes com “imersão social e compromisso teórico-prático com a nossa gente mais simples e humilde, vulnerável e oprimida, o que significa escutar, dialogar e lutar com

e para nosso povo", ou seja, com práxis comunitária e contra-hegemônica (Saquet, 2023, p. 41; Fernandes, 2001).

Pesquisa, militância e práxis são temas incorporados por esse grupo. A estrutura colonialista da universidade desqualifica sua inter-relação no *fazer* acadêmico, fundada na imparcialidade científica (Vinha; Fernandes, 2023; Fernandes, 2001). Partindo da concepção de ideologia em Gramsci (1978), buscando a superação da falácia da neutralidade, considera-se que a pesquisa está diretamente relacionada às concepções de mundo do pesquisar, seja ela no processo de escolha, investigação e/ou construção dos conhecimentos.

Para Vinha e Fernandes (2023), a liberdade de escolha paradigmática das pesquisas perfazem posicionamentos políticos que se expressam na ação política, em sua relação com outros indivíduos, grupos e a sociedade. Entende-se a totalidade, sistêmica e relacional da ideologia, na qual o indivíduo se expressa e compartilha princípios, e integra, assim, uma unidade num bloco histórico (Gramsci, 1978; Vinha, 2023).

Na contracorrente à ideologia arbitrária enunciada pela "imparcialidade científica", a pesquisa também pode ser instrumento para a manifestação da consciência política pelas classes subalternas. Esse movimento é caracterizado pelas ideologias orgânicas, históricas e libertadoras (Gramsci, 1978), necessárias face ao aprofundamento das desigualdades no capitalismo financeiro globalizado.

Desta forma, a neutralidade científica é um posicionamento político-ideológico coerente à intencionalidade mantenedora da disparidade de poder entre universidade-sociedade. As pesquisas desenvolvidas pelo grupo *Geografias Fora do Eixo* são marcadas por pesquisadores que, em grande parte, se caracterizam como militantes. Entendemos que a militância é, além de uma metodologia/repertório baseado em ações coletivas com o fim de diagnosticar e interferir nas normas da sociedade vigente, uma forma na qual os sujeitos encontram a possibilidade de realização e reconhecimento pessoal no coletivo. O militante, através das ações políticas, reafirma seu posicionamento político-ideológico (Domingues, 2016; Sales; Fontes; Yasui, 2018).

Assim, "para o pesquisador militante a ciência significa a transformação das realidades estudadas, bem como, da sociedade" (Fernandes, 2001, p.17). Essa relação aproxima a universidade da sociedade, pois estreitam-se os laços com organizações, instituições e movimentos sociais, socioespaciais e socioterritoriais. A militância está ancorada na *práxis*, com pesquisadores articulados a movimentos e instituições, numa

relação sentipensante. Esta abordagem, iniciada por Eduardo Galeano (2007 [1975]) em “A função da arte”, e mais tardar por Maria Cândida Moraes e Saturnino de La Torre (2004) na obra “Sentipensar – Fundamentos e estratégias para reencantar a educação”, entende que a ação é dada conjuntamente pelo pensamento e sentimento. Trata-se de uma concepção integradora do pesquisador, da pesquisa e da realidade, na indissociabilidade entre às dimensões: biológico, psicológico e sociocultural; intersubjetiva e intra-subjetiva, relacionando mente-corpo-espírito, inseparáveis do cotidiano no sentir-pensar-agir (Ferreira, 2022).

Fals Borda (2006 [1980]) articula a visão do sentipensar na metodologia de *Investigação Ação Participativa (IAP)*. A IAP tem como foco a práxis e a devolução sistemática do conhecimento produzido junto aos sujeitos, rumo à construção de uma ciência autônoma e alternativo na/para América Latina (Saquet, 2019; Cichoski; Rubin-Oliveira; Wedig, 2022).

Em Saquet (2022; 2023) a práxis de cooperação e solidariedade está baseada na reorientação política da pesquisa, ensino e extensão da universidade, na in(sub)versão das teorias, referências, conceitos e categorias que articulam a totalidade do pesquisar e da produção científica. Para ele, através de um paradigma e(a)fetivamente crítico, com imersão e cooperação territorial, fincada na práxis decolonial e contra-hegemônica, de fazer cotidiano, participativo e dialógico junto às massas populares, pode-se construir outras universidades, orientadas pela ciência popular e comunitária.

Embasado em Dussel (1986) e Gramsci (1978), Saquet (2022) pontua que a geografia precisa abrir-se às classes populares, de modo a escutá-las e produzir conhecimentos *desde, para e com* elas, de forma participativa, através de diálogos constantes com os saberes, isto é, cooperação. Os conhecimentos orientarão para o reconhecimento e solução de problemas comuns da sociedade, solidários aos grupos subalternos.

A superação, sobretudo, não se dá sem a disputa dos saberes e conhecimentos hegemônicos. Logo, podemos entender a universidade como um território que, historicamente, esteve atrelado aos interesses das elites e do capital, reproduzindo lógicas hegemônicas capitalistas, em seu viés colonialista, expansionista, (pós) moderno, explorador e desigual. Na contracorrente, a proposta *fora do eixo* evidência que a ciência e os conhecimentos integrados podem contribuir para que o povo entenda e se aproprie de sua própria ciência (Saquet, 2022; Fernandes, 2001).

Desta forma, o grupo aponta para a descolonização, movimento de “desaprender” e reconstruir o conhecimento, por meio da reflexão-ação-convivência, pilares da práxis e da militância. Isso requer o questionamento do universalismo etnocêntrico, das teorias euro-norte-cêntricas, do positivismo epistemológico e do neoliberalismo científico (Castro-Gómez, 2007; Grosfoguel, 2008; Silva, 2020).

Diante disso, através da análise das temáticas apresentadas em Vinha e Fernandes (2023), os temas evidenciados nos artigos correspondem, majoritariamente, as *Abordagens teórico-metodológicas*; as *Comunidades tradicionais*; e a *Luta pela terra, movimentos sociais e reforma agrária* (conforme Quadro 1). Desse modo, são estudos propositivos e originais que buscam romper e superar com o *Eixo*, dadas a partir do *locus* enunciativo periférico e particular.

Chama atenção os trabalhos categorizados nas *abordagens teórico-metodológicas*. São estudos propositivos e originais que manifestam a natureza de rompimento e superação com o *Eixo*. Vinha (2022), após analisar os Encontros Nacionais de Geografia Agrária (ENGAs) e os Simpósios Internacionais de Geografia Agrária (SINGAs) pelo debate paradigmático, afirma que os estudos de Geografia Agrária se direcionam a luta, enfrentamento, resistência e superação do capitalismo, cuja temática principal é a *Luta pela terra, movimentos sociais e reforma agrária*. Ancorados no *Paradigma da Questão Agrária (PQA)*, afirma a existência de uma *Geografia de Lutas e Resistências*, ampla e plural e que, em sua essência, está comprometida com as questões sociais. Não obstante, Fernandes (2022), elabora uma proposição teórica para a análise das ações coletivas desenvolvidas pelos movimentos sociais para a Geografia, designada de movimentos socioespaciais e movimentos socioterritoriais.

Também se destaca o tema das *Comunidades tradicionais*, transversal a um número expressivo de trabalhos, o qual inclina-se a olhar para sujeitos, lutas, resistências e práticas de emancipação política a partir do reconhecimento de seus territórios, culturas e memórias. Manifesta a práxis e a militância, num movimento solidário e horizontal de produzir conhecimentos *desde, para e com* as comunidades tradicionais. Bartoli (2022), por exemplo, evidencia que é preciso superar os modelos de urbanização que não se encaixam para compreender a Amazônia. Para tanto, apresenta a proposição do sistema territorial urbano, fazendo uma análise do “retorno ao território” de populações que migraram para cidades e reconstruam redes complementares através da interação com o urbano.

Quadro 1 - Categorias temáticas da Geografia Agrária

Temas	Frequência
Abordagens teórico-metodológicas	15
Comunidades tradicionais	11
Luta pela terra, movimentos sociais e reforma agrária	9
Dinâmicas da natureza e questão ambiental	8
Estado, políticas e desenvolvimento	7
Renda, mercados e comercialização	7
Uso e ocupação do solo	7
Campo-cidade / rural-urbano	6
Disputas e conflitos	6
Comunidades indígenas	5
Educação e Educação do/no campo	5
Turismo	5
Agricultura familiar e campesina	4
Mudanças e dinâmicas espaciais	4
Relações de trabalho	4
Êxodo rural e migração	3
Escravidão e racismo	3
Soberania alimentar e segurança alimentar	3
Agricultura orgânica e agricultura agroecológica	2
Cooperativismo e associativismo	2
Diversidade sexual e de gênero	2
Modernização do campo, agronegócio e latifúndio	2
Pluriatividade	2
Agroenergia, barragens e mineração	1
Geopoética	1

Fonte: Vivas e Vinha, 2025.

Consecutivamente, os trabalhos na temática *Luta pela terra, movimentos sociais e reforma agrária* refletem as lutas pelos territórios, empreendidas pelas ações coletivas dos povos do campo, águas, florestas e cidades. Trazem o entendimento do projeto político de desenvolvimento para o campo, pautado na reforma agrária, nas retomadas, na territorialização e reterritorialização.

No que tange à temática *Dinâmicas da natureza e questão ambiental*, os trabalhos versam tanto o aspecto destrutivo provocado pelo avanço do capitalismo no campo quanto às práticas tradicionais, o modo de vida campesino, a agroecologia, a percepção

ambiental, a educação ambiental e as práticas de recuperação ambiental. Nunes *et al.* (2022) afirmam que as obras de bioengenharia na contenção da erosão pluvial e recuperação ambiental configuram práticas de fortalecimento para a manutenção nos assentamentos e podem ser passadas e melhoradas no diálogo entre os conhecimentos da universidade e os saberes populares.

O grupo dedicou-se aos estudos críticos, pautados, principalmente, em autores como Fals Borda (2006 [1980]), Saquet (2015 [2011]; 2017; 2020 [2007]; 2021), Fanon (2005 [1961]), Grosfoguel (2008), Quijano (2000), Fernandes (2001; 2005) e Castro-Gómez (2007). Saquet (2022), por exemplo, busca romper com práticas de dominação das ciências “modernas” e “pós-modernas” e da reafirmação do “colonialismo intelectual”. A provocação adentra a necessidade da práxis territorial e contra-hegemônica, na tentativa de produzir conhecimentos para os povos, através de diálogos horizontais com as comunidades e sujeitos.

O conceito de território e a práxis estão intimamente articulados ao grupo desde a sua gênese (Figura 3), ficando evidente nos temas dos colóquios, como no Iº “Colóquio Geografias fora do eixo: por outras geografias feitas com práxis territoriais”.

Figura 3 - Nuvem das terminologias de ocorrência nas produções científicas do grupo *Geografias Fora do Eixo*



Fonte: Vivas; Vinha, 2025.

Dar centralidade ao conceito de território é um dos objetivos do grupo. Os trabalhos que debatem os territórios estão pautados por uma visão crítica e emancipatória. Cury e Derroso (2022) afirmam que o viver transfronteiriço não é homogêneo e linear, mas retrata a diversidade e as diferenças reveladas no interior dos próprios limites da fronteira. Machado e Florentino Junior (2022) discutem que a bacia hidrográfica é

concebida dialeticamente, como um espaço transformado em território por meio das mudanças promovidas pela sociedade. A bacia, neste sentido, vai além da sua delimitação física, ultrapassando a dimensão técnica. Já Arruda e Mariani (2022) discutem o turismo rural em comunidades quilombolas, na tentativa de compreender as territorialidades que recaem sobre os territórios dessas comunidades. A perspectiva do corpo é crucial para analisar os territórios quilombolas.

A rede não se propõe ao ataque às abordagens do *eixo*. As proposições teóricas, metodológicas, conceituais e técnicas são frutos de pesquisas realizadas que articulam a ciência universitária aos saberes populares. Trata-se de uma visão da ciência comprometida com a realidade social, posicionada politicamente e co-produzida com as classes populares, na resolução de problemáticas comuns para a melhoria das condições de vida.

Um convite a reflexão: proposições iniciais

O grupo *Geografias Fora do Eixo* surgiu em 2019, em meio a pandemia, propondo uma agenda de debates. Já no início, buscava-se, além do rompimento e superação com as abordagens do *eixo Rio-São Paulo*, a proposição e o fortalecimento de outras formas de fazer a ciência, pautada na práxis, militância e decolonialidade.

As *Geografias do Eixo* baseiam-se num amplo processo de colonização e imperialismo do ser, do saber, do conhecimento e da natureza, que através das missões europeias no Brasil, reforçam a forma que as ciências ocidentais produzem conhecimentos, instituindo *quem* e *onde* pode conceber teorias e métodos - ou mesmo inaugurar novos temas de pesquisa - , numa dependência centro-periferia.

Inerente à esta estrutura, fruto da influência (neo)positivista, a neutralidade científica é caracterizada como um posicionamento político-ideológico que há o distanciamento do pesquisador com o objeto. Trata-se de uma abordagem coerente ao viés expansionista e imperialista, que utiliza do conhecimento como uma ferramenta para manter o projeto explorador, expropriador e desigual.

Buscando a superação das abordagens, a proposição *fora do eixo*, evidente nos artigos, pauta-se na práxis, militância e diálogos entre conhecimentos acadêmicos e saberes populares. Coloca-se como alternativa à atual forma de pesquisar, a co-produção de conhecimentos com classes populares na resolução de problemas comuns,

desenvolvimento territorial e melhoria das condições de vida, exercendo, através do pensar-agir-sentir, uma abordagem que concebe o pesquisador em sua totalidade na sociedade.

A decolonialidade aparece de forma ampla nas produções científicas analisadas, como a desconstrução de teorias, métodos e técnicas, entendendo que a realidade enfrentada nas periferias se difere do seu *locus* enunciativo colonial, dando lugar a construções epistêmicas sobre território. Este conceito nasce com o grupo através do viés crítico e latino-americano, estabelecendo-se como o principal trabalho.

Nas análises temáticas da Geografia Agrária, observou-se que grande parte dos trabalhos compartilham os temas sobre as *Abordagens teórico-metodológicas*; as *Comunidades tradicionais*; e a *Luta pela terra, movimentos sociais e reforma agrária*. Os temas evidenciam que os artigos são propositivos e dão-se no *locus* enunciativo periférico e territorial. Contudo, a categorização temática só foi possível graças a maioria dos trabalhos compor os estudos agrários. Mas, por quê não outros campos da Geografia e do conhecimento?

Na sistematização ficou nítido que a divulgação das abordagens *fora do eixo* é exercida, principalmente, por homens, doutores e pós-doutores, apontando para a fragilidade do grupo em integrar mulheres, graduandos, especialistas e mestrandos. Embora os artigos demonstrem um profundo debate teórico-metodológico e epistêmico, urge a participação efetiva de mulheres. Do mesmo modo, graduandos, mestrandos e especialistas devem participar, como mais destaque, ao grupo.

Este debate não está encerrado e acompanhará a rede e suas discussões, na reavaliação, qualificação e debate em coletividade. Por ora, entendemos que esse movimento deve ir além da Geografia, visto que as ciências se intercambiam e relacionam-se no fazer científico e nas construções teóricas e metodológicas.

Referências

AMORIM FILHO, O. B. A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia. *Revista Sociedade & Natureza*, Uberlândia/MG, v.11, n.21/22, p.67-87, jan./dez.

1999. DOI: <https://doi.org/10.14393/SN-v11-1999-28472> Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/sociedadenatureza/article/view/28472>

ARRUDA, D. de O.; MARIANI, M. A. P. Turismo, território e territorialidades fora do eixo: reflexões in-corporadas no contexto das comunidades quilombolas de Mato Grosso do Sul. In: CASTRO, C. E.; SOBREIRO FILHO, J.; SAQUET, M. A.; VINHA, J. F. S. C. (org.). **Geografias fora do eixo**: por outras geografias feitas com práxis territoriais, Londrina, PR: Editora Liberdade/EDUEMA, 2022.

BARBOSA, T.; AZEVEDO, J. R. N. de. A Geografia Quantitativa: ensaios. **Espaço em Revista**, Catalão, v. 13, n. 2, 2011.

BARTOLI, E. Sistemas Territoriais urbano-ribeirinhos: uma proposta metodológica para análise de cidades de dinâmica fluvial na Amazônia. In: CASTRO, C. E.; SOBREIRO FILHO, J.; SAQUET, M. A.; VINHA, J. F. S. C. (org.). **Geografias fora do eixo**: por outras geografias feitas com práxis territoriais, Londrina, PR: Editora Liberdade/EDUEMA, 2022.

CAMPOS, J. F. S. **Leituras dos territórios paradigmáticos da Geografia Agrária**: análise dos grupos de pesquisa do estado de São Paulo. 2012. 389f. Tese (Doutorado em Organização do Espaço) –Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/105084>

CASTRO-GÓMEZ, S. Decolonizar la universidad: La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMES, S.; GROSFOGUEL, R. (org.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica mas allá del capitalismo global, 2007, p. 79-92.

CICHOSKI, P.; RUBIN-OLIVEIRA, M.; WEDIG, J. C. Investigaçāo-Ação-Participativa e diálogos de saberes: perspectiva para sentipensar experiências na América Latina. In: BASCONZUELO, C. C., DÍAZ ESTEVEZ V.; ARAVENA CARRASCO, A. (org.). **¡A desalambrar! Resistencias, desigualdades e itinerarios posibles en sociedades latinoamericanas**. Santiago de Chile, editorial: Ariadna Ediciones, 2022, p. 160-178.

CRUZ, V. C. Geografia e pensamento decolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: CRUZ, V. C; OLIVEIRA, D. A. (org.). **Geografia e Giro Descolonial**: experiências, ideias e horizontes do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

CURY, M. J. F.; DERROSSO, G. S. As territorialidades transfronteiriças na tríplice fronteira Brasil, Paraguai e Argentina. In: CASTRO, C. E.; SOBREIRO FILHO, J.; SAQUET, M. A.; VINHA, J. F. S. C. (org.). **Geografias fora do eixo: por outras geografias feitas com práxis territoriais**, Londrina, PR: Editora Liberdade/EDUEMA, 2022.

DGPB - Diretório dos Grupos de Pesquisas do Brasil. **Buscar grupos**. Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), 2025. Disponível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf; Acesso em: 6 jun. 2025.

DOMINGUES, E. Militância no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): um olhar psicanalítico. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 19, n. 3, p. 663–680, set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016003014>

DUSSEL, E. **Ética comunitária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação social. In: BRANDÃO, C. R. (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006 [1980]. p. 42-62.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005 [1961].

FERNANDES, B. M. **Questão Agrária, pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

FERNANDES, B. M. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: BUAINAIN, A. M. (org.). **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2005.

FERNANDES, B. M. Do movimento social ao movimento socioterritorial. In: CASTRO, C. E.; SOBREIRO FILHO, J.; SAQUET, M. A.; VINHA, J. F. S. C. (org.). **Geografias fora do eixo: por outras geografias feitas com práxis territoriais**, Londrina, PR: Editora Liberdade/EDUEMA, 2022.

FERREIRA, M. M. Os professores franceses e a redescoberta do Brasil. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, ano XI, n.43, p.227-246, 2005. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/1fcd45c1-e416-4b06-a349-ba63f97fa2f6/content> Acesso em: 24 set. 2025.

FERREIRA, M. R. Inovação social e Saberes outros: o que a construção do conhecimento formal tem a ver com isso? In: CASTRO, C. E.; SOBREIRO FILHO, J.; SAQUET, M. A.; VINHA, J. F. S. C. (org.). **Geografias fora do eixo: por outras geografias feitas com práxis territoriais**, Londrina, PR: Editora Liberdade/EDUEMA, 2022.

GALEANO, E. **A função da arte/1**: o livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM; 2007 [1975].

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GOMES, P. C. **Geografia e Modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 368p.

GONÇALVES, C. U.; SAQUET, M. A. Editorial: Geografias fora do eixo. **Revista de Geografia (UFRN)**, [S. l.], v. 40, n. 4 (Especial), p. 1–3, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51359/2238-6211.2023.260670> Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/260670>

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 341p.

GROSFOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Tradução de Inês Martins Ferreira. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra/POR, n.80, p. 115-147, mar. 2008. DOI: <https://doi.org/10.12957/periferia.2009.3428>

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LACOSTE, Y. **A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1977.

LANDER, E. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis (SC), v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>

MACHADO, G.; FLORENTINO JUNIOR, E. A territorialidade e a Gestão da bacia hidrográfica. In: CASTRO, C. E.; SOBREIRO FILHO, J.; SAQUET, M. A.; VINHA, J. F. S. C. (org.). **Geografias fora do eixo: por outras geografias feitas com práxis territoriais**, Londrina, PR: Editora Liberdade/EDUEMA, 2022.

MEJÍA AYALA, W. Água enquanto disputa epistêmica e política para além dos três estados da água - Entrevista com o professor Carlos Walter Porto-Gonçalves. **Perspectiva Geográfica**, UPTC - Colombia, p. 144 -162, ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.19053/01233769.11540> Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/pgeo/v25n2/0123-3769-pgeo-25-02-144.pdf>

MORAES, M. C.; TORRE, Saturnino de la. **Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

NUNES, J. O. R.; PERUSI, M. C.; PIROLI, E. L.; SANTOSA, L. V. Transformações ambientais pela práxis coletiva de recuperação de áreas degradadas no Assentamento rural Nova Esperança, Euclides da Cunha/SP. In: CASTRO, C. E.; SOBREIRO FILHO, J.; SAQUET, M. A.; VINHA, J. F. S. C. (org.). **Geografias fora do eixo: por outras geografias feitas com práxis territoriais**, Londrina, PR: Editora Liberdade/EDUEMA, 2022.

PORTE-GONÇALVES, C. W. Apresentação da edição em português. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUIJANO, A. El fantasma del desarrollo en América Latina. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**, vol. 6, n. 2, 2000, p. 73-90. Disponível em: <https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/369>

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SALES, A. L. L. F.; FONTES, F. F.; YASUI, S. Para (re)colocar um problema: a militância em questão. **Temas psicol.** Ribeirão Preto (SP), v. 26, n. 2, p. 565-577, jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.9788/TP2018.2-02Pt>

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SAQUET, M. A. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: Uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2015 [2011].

SAQUET, M. A. **Consciência de classe e de lugar, práxis e desenvolvimento territorial**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2017.

SAQUET, M. A. **Saber popular, práxis territorial e contra hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2019.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2020 [2007].

SAQUET, M. A. Uma Geografia (i)material voltada para a práxis territorial popular e descolonial, **Revista do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA)**, vol. 24, n. 57, 2021, p. 54-78. DOI: <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i57.8497>

SAQUET, M. A. Entre a “modernidade” e a “pós-modernidade”: a continuidade da Colonialidade. In: CASTRO, C. E.; SOBREIRO FILHO, J.; SAQUET, M. A.; VINHA, J. F. S. C. (org.). **Geografias fora do eixo: por outras geografias feitas com práxis territoriais**, Londrina, PR: Editora Liberdade/EDUEMA, 2022.

SAQUET, M. A. É possível produzir geografias críticas com imersão e cooperação territorial? **Revista de Geografia (UFPE)**, [S. l.], v. 40, n. 4 (Especial), p. 4–30, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51359/2238-6211.2023.260664>

SILVA, T. R. **Geografia e pensamento decolonial**: um diálogo necessário. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020, 133 p. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.359>

SINGER, P. **O capitalismo, sua evolução, sua lógica**. São Paulo: Moderna, 1987, p. 12-65.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora da UNESP, 2004. 199p. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788539302741>

VINHA, J. F. S. C. Temas e paradigmas da Geografia Agrária Brasileira: contribuições do debate paradigmático aos estudos agrários. In: CASTRO, C. E.; SOBREIRO FILHO, J.; SAQUET, M. A.; VINHA, J. F. S. C. (org.). **Geografias fora do eixo**: por outras geografias feitas com práxis territoriais, Londrina, PR: Editora Liberdade/EDUEMA, 2022.

VINHA, J. F. S. C.; FERNANDES, B. M. **Paradigmas da geografia agrária brasileira**: temas, tendências e perspectivas. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2023.

Recebido em 15/08/2025.
Aceito para publicação em 14/10/2025.